



um filme de  
CLAUDIO ASSIS

PRESSBOOK



# ZIZO P?E

"FEBRE DO RATO" é uma expressão popular típica do Nordeste brasileiro, que significa "aquele que está fora de controle". E assim que Zizo, poeta inconformado e anarquista do Recife, denomina seu tablóide, publicado às próprias custas. Ele vive entre seus brados pela cidade, a boemia com os amigos e os prazeres do sexo com as amantes.

Às voltas com seu universo particular, Zizo um dia se depara com Eneida, consciência contemporânea e periférica. Mergulhado na paixão por essa nova musa, todas as suas convicções parecem ruir.



## FICHA TÉCNICA

Brasil, 2011, 110 min, 35mm, P&B, dolby digital

**Direção:** Cláudio Assis

**Produção:** Claudio Assis, Julia Moraes e Marcello Ludwig Maia

**Produção executiva:** Marcello Ludwig Maia

**Roteiro:** Hilton Lacerda

**Fotografia:** Walter Carvalho

**Montagem:** Karen Harley

**Direção de arte:** Renata Pinheiro

**Trilha sonora:** Jorge du Peixe

**Produtoras:** BelaVista Cinema e República Pura

**Distribuição:** Imovision



# LIBERDADE





**Elenco:**

Irândhir Santos..... Zizo  
Nanda Costa..... Eneida  
Matheus Nachtergaele..... Pazinho  
Juliano Cazarré..... Boca Mole  
Tânia Granussi..... Vanessa  
Conceição Camarotti..... Anja  
Maria Gladys..... Stellamaris  
Ângela Leal..... Dona Marieta  
Mariana Nunes..... Rosângela  
Vitor Araújo..... Oncinha  
Hugo Gila..... Bira

POESIA

## O DIRETOR - CLÁUDIO ASSIS

Cláudio Assis começou sua carreira como ator e cineclubista em Caruaru, Pernambuco. Estreou na direção de curtas em 1987 com Padre Henrique - Um Assassinato Político, rodado em 16 mm. Seguiram-se os curtas Soneto do Desmantelo Blue (1993), sobre o poeta pernambucano Carlos Pena Filho; Viva o Cinema (1996) e Texas Hotel (1999).

Em 1997, ele atua como diretor de produção de **Baile Perfumado**, de Lírio Ferreira e Paulo Caldas, um dos grandes filmes da retomada do cinema nacional, o primeiro a projetar os novos talentos do cinema pernambucano.

Cláudio estreia na direção de longas com **Amarelo Manga** (2002), reunindo um grande elenco (Matheus Nachtergaele, Jonas Bloch, Leona Cavalli, Dira Paes, Chico Diaz). O filme é premiado nos Festivais de Berlim, Toulouse e Havana. No Festi-

val de Brasília, vence os prêmios de melhor filme pelo júri oficial, júri popular e o prêmio da crítica; melhor ator (Chico Diaz), atriz coadjuvante (Dira Paes), montagem e fotografia. No Cine Ceará, vence todos os prêmios - melhor fotografia, edição, roteiro, direção de arte, trilha sonora, ator (Matheus Nachtergaele), atriz (Dira Paes) e figurino.

Quatro anos depois, seu segundo longa-metragem, **Baixio das Bestas** (2006), faz um retrato sem concessões do machismo e da violência sexual na Zona da Mata pernambucana. No filme, ele volta a trabalhar com Matheus Nachtergaele, Dira Paes e Conceição Camarotti e trabalha pela primeira vez com Caio Blat, Irandhir Santos, Hermila Guedes e Marcélia Cartaxo. Baixio foi o primeiro filme brasileiro a vencer o Tiger Award

no Festival de Roterdã. Também foi premiado nos festivais de cinema brasileiro de Miami e Paris. No Festival de Brasília, venceu seis prêmios: melhor filme, atriz (Mariah Teixeira), ator coadjuvante (Irândhir Santos), atriz coadjuvante (Dira Paes), trilha sonora e o prêmio da crítica.

**Febre do Rato**, seu terceiro longa-metragem, é o primeiro rodado em preto-e-branco e venceu oito prêmios no Festival de Paulínia: melhor filme pelo júri oficial, prêmio da crítica, melhor ator (Irândhir Santos), atriz (Nanda Costa), fotografia (Walter Carvalho), montagem (Karen Harley), direção de arte (Renata Pinheiro) e trilha sonora (Jorge Du Peixe).





De onde surgiu a ideia inicial para “Febre do Rato”,  
essa ideia de um poeta que declama a sua cidade?

Essa ideia vem desde Amarelo Manga, em 2002. Eu, o Xico Sá e o Hilton Lacerda escrevemos um primeiro argumento de Febre do Rato na época. Mas percebemos que a história era muito urbana, e todo mundo ia comparar com o Amarelo. Então decidimos deixar de lado e fazer primeiro o Baixio das Bestas (2006).

Já tínhamos essa ideia do personagem do poeta, a poesia, mas não sabíamos quem era ele ainda. Daí o Xico sugeriu que ele poderia ser o Zizo, um colega nosso do tempo da faculdade, um escritor marginal e anarquista. O personagem é uma homenagem à figura dele; não é uma coisa biográfica ou autobiográfica, como muita gente pensa.

O Zizo verdadeiro faz uma ponta no filme, na cena do bar com o Boca Mole (Juliano Cazarré). Ainda hoje é um escritor atuante no Recife, produz fanzines, a gente às vezes banca as suas publicações. O forte dele não é a poesia, mas a prosa – ele tem um grande talento pra contar histórias. Fizemos essa homenagem à figura do Zizo, mas as poesias todas que se ouvem no filme são de autoria do (roteirista) Hilton Lacerda.

**Ao fazer Febre do Rato, você tinha algum objetivo em relação ao espectador do filme?**

Esse é um filme anarquista, e com ele eu quero dar coragem às pessoas. Por isso tem aquela cena em que o Zizo grita: "Coragem! Coragem! Coragem!". Coragem para você ser quem você é. Quero que a juventude veja esse filme, veja que é possível ainda fazer um filme dessa qualidade. Não tem que seguir regras, seguir o padrão de cinema de ninguém, essa fórmula de folhetim, de novela da Globo ou de qualquer outra emissora. A juventude tem que se atirar mais. O filme mostra isso. Você vai sempre pagar um preço pelo que você faz, são as consequências. Mas sempre vale a pena.

O Zizo diz isso no filme: as pessoas não sabem mais por que estão fazendo as coisas. Elas mudam só para permanecer no mesmo lugar. Não tem uma vontade de mudar, de transformar. Cadê as passeatas, o movimento estudantil, o movimento

trabalhador? Nada acontece. E quem faz cinema também só quer acompanhar o que já está estabelecido. Ou nego quer ir pra Hollywood fazer tudo igual ao que eles já fazem lá; ou escreve um roteiro, pega um dinheirinho num edital, faz um filme que ninguém vê e acabou. Eu faço um cinema sem compromisso, um filme de ideias, que provoque para fazer pensar.





O filme mostra também toda essa comunidade de pessoas em torno da figura do poeta. Uma ideia de comunidade cada vez mais rara hoje em dia.

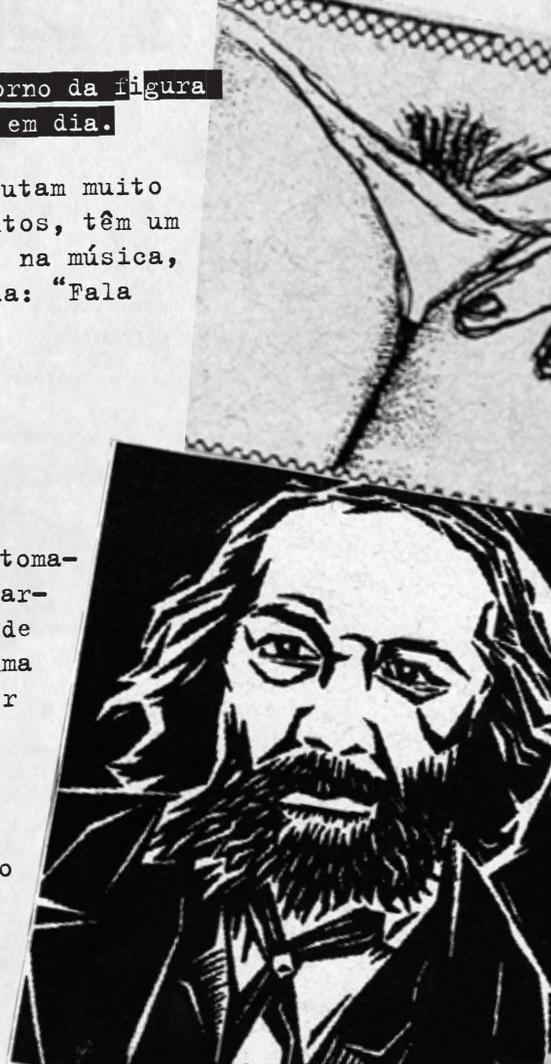
A minha geração ainda tem muito isso. São pessoas que lutam muito por algo que querem - e, mesmo quando não trabalham juntos, têm um pensamento em comum. Isso acontece com força no cinema, na música, um pouco menos nas artes plásticas. E aquela velha ideia: "Fala com a tua aldeia, que você vai falar com o mundo".

E a decisão de filmar em preto-e-branco?

Era uma vontade antiga sua?

Eu já tinha isso um pouco em mente, mas foi uma decisão tomada por toda uma equipe - não foi só minha ou do Walter Carvalho (diretor de fotografia). Conversamos com a direção de arte, o pessoal do figurino e toda a equipe. Fizemos de uma forma que, se a gente quisesse voltar atrás, não ia poder mais. Não daria pra mudar na finalização, no Final Cut.

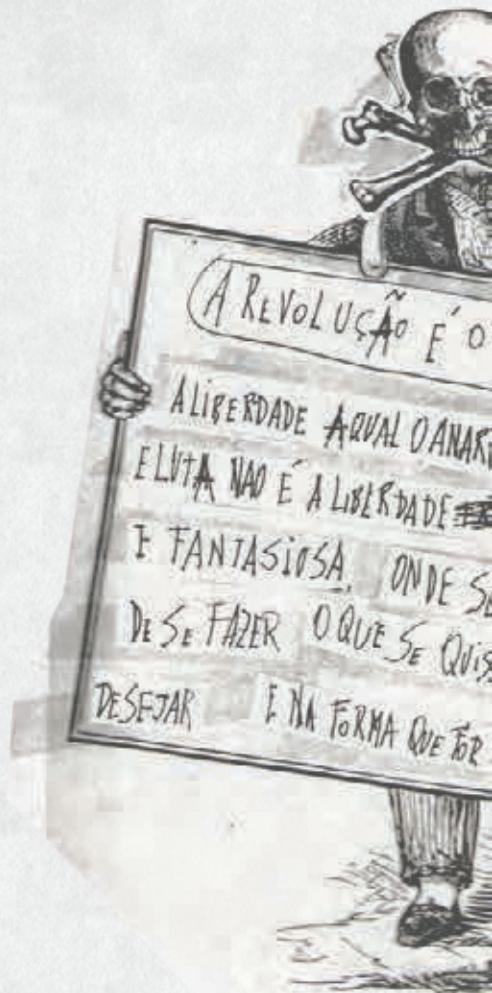
Para nós, o preto-e-branco ajuda você a ouvir a poesia e mostra um Recife que não necessariamente é o Recife de hoje. A fotografia do Walter Carvalho já é bonita, no preto-e-branco fica mais bonita ainda.



Os seus filmes transmitem sensações muito fortes - o desespero da paixão em Amarelo Manga, o horror e a brutalidade das relações em Baixio das Bestas. Fobre do Rato, apesar de conter uma tragédia no final, tem muita alegria e esperança. São sentimentos e sensações nos quais você mergulha durante as filmagens?

No filme tem aquele enunciado: "Agora é só poesia". No cinema as pessoas querem um final feliz, mas a vida não é assim. Depois de fazer um filme bravo, violento, forte, vamos mostrar que a gente também pode fazer um filme de poesia?

Como em todos os nossos filmes, a equipe é só alegria - fazemos festas memoráveis quando terminam as filmagens. Sou o diretor, mas sou apenas mais um na equipe. Por isso faço questão de tratar todo mundo igual - do caminhoneiro ao cara do cafezinho, passando por aquele cara que construiu uma tábua dentro da água para um cenário. Esse cara já foi embora quando as filmagens começam, mas ele precisa ser conquistado e reconhecido também. Porque, se ele não fizer um bom trabalho, afeta todo o filme. Ele tem que bater um prego sabendo que o filme é dele.





QUE NOS RESTA

QUISIMOS BUSCA PROPOF

IRRESPONSÁVEL

TEM O DIREITO

PER, NO MOMENTO QUE

CONVENIENTE COMO

**Você se sente uma voz solitária no cinema brasileiro hoje?**

Eu sou muito cruel comigo e acabo sendo com o resto do mundo também. Acho que hoje existe um faz-de-conta, apenas pra se dizer que é cineasta. Mas nunca perdi a esperança. Tem muita gente começando agora com liberdade para experimentar. Daí vai sair coisa. Pela facilidade hoje de se usar tantas mídias, há uma possibilidade maior de experimentar. Se é ruim porque você não se exercita em 35mm, por outro lado dá para usar o digital, brincar com isso.

**Como acontece a preparação do elenco? Você trabalha todos os atores juntos?**

Nós preparamos em núcleos. Nesse filme tem o núcleo da turma que invade a fábrica; o núcleo do Pazzino (Matheus Nachtergaele) e da Vanessa (Tânia Granussi)... Eu e o Hilton Lacerda (roteirista) conversamos muito com os atores. Eu dou uma primeira

“brifada”, mas depois gosto de deixar esses núcleos experimentando sem mim. Tenho uma grande sorte com meus atores. Talvez por ter começado a carreira como ator de teatro, tenho um bom feeling para lidar com eles. Não existe barreira entre a gente. Se meus atores preferidos (Matheus Nachtergaele, Dira Paes, Conceição Camarotti, Irandhir Santos...) não estão nos meus filmes, é porque não teve papel para eles. Se tivesse, eu botava eles tudinho lá. E tudo gente boa demais.

**Como você chegou ao Irandhir Santos para viver o Zizo? Ele parece ser um ator de sensibilidade à flor da pele.**

Quando eu conheci o Irandhir, ele vinha de uma participação pequena no filme do Marcelo Gomes (Cinema, Aspirinas e Urubus, 2005). Ele fez o Maninho, um personagem que cava covas no meu filme anterior, Baixio das Bestas. Era só o segundo filme dele, mas quando o vi se preparando, não acreditei no cara. Desafiei ele: “Vem



cá, tu bebe cachaça? Sabe o que é cortar cana? Não, tu não sabe porque é classe média". E ele foi lá, beber cachaça e viver com os cortadores de cana. Ali tem um artista.

Ele é de uma intensidade, um vulcão, não dá pra ter ideia. O Irandhir é humilde, generoso, humano e um excelente ator, que vai beber na fonte. Não é arrogante, medido. No set, ele fica o tempo inteiro no papel, concentrado.

**E a Nanda Costa, onde você encontrou?**

Quem ia fazer o papel era a Maria Flor, mas ela não pôde por problemas de agenda. Durante muito tempo ia ser ela, mas cinema é uma coisa interessante - tá sempre em mudança, não para nunca, só termina quando você mostra na tela. Começamos a ir atrás de outra garota. O Walter Carvalho tinha trabalhado com a Nanda no filme da Sandra Werneck, *Sonhos Roubados* (2009).

Tivemos uma conversa e me surpreendi com ela. A gente faz teste de elenco, claro, mas só de conversar com os atores eu costumo saber se vai dar certo ou não. E ela embarcou de cara no projeto. Uma menina daquela idade se mostrar daquele jeito no filme - ali tem uma atriz de verdade, que não tá pra brincadeira. Ela tem estofo, atitude.

**Neste filme, você dá ótimos papéis para atrizes veteranas como Maria Gladys, Conceição Camarotti e Ângela Leal.**

Uma das mensagens do filme é a de que existe sexo em todas as idades. Não existe essa coisa da terceira,



quarta ou quinta idade - existe sexo em tudo! O cinema brasileiro, e a TV mais ainda, são cruéis com a velhice. E como se a vida não existisse depois dos 60. Os atores vão ficando velhos e vão desaparecendo. Cadê o Antonio Fagundes, por exemplo, que antes estava em toda a novela? Eles vão matando os caras! E o cinema não fica atrás. Só vale se estiver com o corpinho em cima. Nessa idade você não pensa, não olha, não imagina, não dança, não curte, não tem tesão?

Por que a Conceição Camarotti tá em todo filme que eu faço? Porque eu procurei em cinco estados uma atriz da idade dela que topasse mostrar a xoxota no meu curta Texas Hotel (1999), e ela foi a única que topou. As outras diziam: "eu faço, mas vou colocar uma calcinha transparente". Ela é velha, gorda, negra, qual é o problema? No mundo não existe gente gorda? A gente vai negar isso, fazer um cinema da assepsia?

## Qual é a importância da poesia para você hoje?

Eu sempre persegui a poesia, tentei ser poeta. Quando eu era adolescente, me vestia com uma camisa rendada amarela imitando o Maiakovski (poeta russo, 1893-1930). Eu queria ser ele, olha que pretensão! Meu segundo curta é o Sone-to do Desmantelo Blue (1993), sobre o poeta pernambucano Carlos Pena Filho, conhecido como o poeta da cor, contemporâneo do Drummond e do Jorge Amado, que morreu com 30 anos de idade num acidente de carro. Esse filme também é em preto e branco.

Eu tenho uma ou outra poesia rabiscada. Nesse curta, inseri um poema meu. Até hoje leio muita poesia. Aquela porra daquele Paulo Leminski não me sai da cabeça! Tô sempre recorrendo a ele.

Optamos por falar de um poeta porque o poeta pode tudo. Na poesia se pode

EM PRIMEIRO LUGAR A DEUS, POR  
NOS TER CONCEDIDO O DESEJO DO NOSSO  
CORAÇÃO DE FAZERMOS ESTA OBRA.

A ADMINISTRAÇÃO DESTE ESTABELECIMENTO  
QUE NOS CONCEDEU O ESPAÇO COMUNITÁRIO.

A TODOS QUE ESTÃO COM  
FORMA DIRETA OU INDIRETA  
TRABALHO.

QUE É  
NECESSÁRIO QUE SE  
FAÇA PARA NÓS

TODOS QUEREMOS BOM DIA

QUAL É SEU DE  
CÓDIGO



tudo. A poesia pode mais do que o cinema. No cinema você faz e fica limitado. A poesia é abrangente, você faz o que quiser, da maneira que quiser. Só precisa da cabeça, uma caneta e um papel.

Para você, quais são os maiores problemas para se fazer um filme no Brasil hoje?

No Brasil, se dá trabalho fazer um filme, dá mais trabalho ainda lançar. Você depende da boa vontade dos exibidores. Você não pode lançar na época de Cannes porque os jornalistas estão lá, não pode lançar em fevereiro porque tem Oscar, também não pode lançar junto com o Batman, o Homem de Ferro... Muitos filmes brasileiros não são lançados, são arremessados nas salas. Há um bom tempo o gargalo do cinema brasileiro não é mais produção, mas exibição. Antes só Rio e São Paulo faziam filme, mas hoje todos os estados estão produzindo. Mas pra lançar, aí eu quero ver. Entra no

Filme B e vê quantos filmes estão sendo produzidos. Mas quantos você vai ver? De quantos você vai ouvir falar?

Depois de Febre do Rato, quais são seus próximos projetos?

Com a Anna Muylaert (diretora de E Proibido Fumar), estou escrevendo o roteiro de meu próximo filme, Piedade. E o nome de uma praia lá do Recife. É uma história sobre o mar invadindo a terra e do homem invadindo o mar. Uma história forte que envolve petróleo, tubarões e relações humanas. Esse projeto foi selecionado pela Secretaria de Cultura do Rio para ser apresentado a produtores estrangeiros no próximo Festival de Cannes.

Com outra Ana, a Ana Carolina Francisco, estou adaptando para o cinema um livro inédito do Xico Sá chamado Big Jato, que se passa nos sertões de Pernambuco e Ceará.



## IRANDHIR SANTOS - ZIZO

Em apenas sete anos de trabalho, o pernambucano Irandhir Santos conseguiu um lugar central no cinema brasileiro. Nascido no município de Barreiros, ele se formou em artes cênicas na Universidade Federal de Pernambuco.

Após um papel menor em Cinema, Aspirinas e Urubus, de Marcelo Gomes, ele se projeta com o papel do cozeiro Maninho em Baixo das Bestas (2006), segundo longa de Cláudio Assis. O papel lhe vale o primeiro grande prêmio de sua carreira - de melhor ator coadjuvante no Festival de Brasília.

No ano seguinte, ele se torna conhecido em todo o país com seu primeiro trabalho na TV, como o Quaderna da minissérie A Pedra do Reino, com direção de Luiz Fernando Carvalho, baseado no clássico de Ariano Suassuna.

Ele segue então com uma série de bons papéis em filmes como Besouro, de João Daniel Tikhomiroff; Olhos Azuis, que lhe valeu o prêmio de melhor ator coadjuvante no Festival de Paulínia e melhor ator no Festival de Cinema Brasileiro de Paris; Quincas Berro d'Água, de Sérgio Machado; e Viajo porque Preciso, Volto porque Amo, de Marcelo Gomes e Karim Ainouz, no qual empresta a voz ao narrador que nunca aparece em cena. Seu papel de maior projeção veio com o defensor dos direitos humanos Diogo Fraga, antagonista do Capitão Nascimento em Tropa de Elite 2.

Em Febre do Rato, Iran-dhir vive o poeta Zizo, artista maior do Recife, que encarna as dores e agonias do mundo, declamando a inconformidade das coisas e arrebanhando em torno de si uma legião de amigos e admiradores. O papel lhe valeu o prêmio de melhor ator no Festival de Paulínia.

Nos próximos meses, Iran-dhir voltará às telas nos filmes O Senhor do Labirinto, de Geraldo Motta; Matraga: a hora e a vez, de Vinicius Coimbra; O Som ao Redor, do pernambucano Kléber Mendonça Filho; e Tatuagem, primeiro longa dirigido por Hilton Lacerda, roteirista de A Febre do Rato. Em abril de 2012,

ele filma em Paulínia e Campinas o longa Permanência, de Leonardo Lacca.

**Como foram seus primeiros encontros com o Cláudio Assis, ainda na época do Baixio das Bestas?**

Meu primeiro teste para o Baixio foi terrível (risos). Eu sempre sofro nos primeiros testes, porque eles já exigem uma intensidade e uma vivência de personagem que ainda estão distantes. Depois de três testes, o Claudio me chamou num canto e me deu uma prensa: "E aí, você vai querer esse papel ou não?". E aos poucos foi me dando ferramentas para entrar no Maninho. Ele me levou antes para o interior de Pernam-

buco, e a partir daí fui percebendo como é importante estar na região onde se filma, respirar aquele ar. Fui cortar cana, aprender como os lavradores falam, viver aquele dia-a-dia. E o Claudio me transmitiu isso com muita intensidade. Essa é uma palavra boa para defini-lo: intensidade.

**Como é o Cláudio como diretor?**

Ele já começa a te dirigir no primeiro encontro; a criação dele já começa ali. O Claudio trabalha muito em cima de desafios, desafia o ator desde as primeiras leituras. E sempre faz questão de um grande período de preparação, o que eu defendo

como ator. Assim, a filmagem é um momento especial, mas que foi regado a muito trabalho antes. O Cláudio chega no set muito seguro - mesmo que às vezes essa segurança seja abalada por ele mesmo (risos).

**Você chegou a conhecer o Zizo original? Ele te deu alguma sugestão para o personagem?**

Na preparação, o Claudio me falou sobre o verdadeiro Zizo e me preveniu: "O personagem não é ele", "não quero que você o conheça". Mas um dia os dois combinaram e o Zizo apareceu lá nas filmagens. Daí briguei um pouco com o Claudio para que o Zizo tivesse um momento espe-

cial no filme. No início de uma sequência no bar, o Zizo verdadeiro aparece declamando uma poesia, e o meu Zizo aparece anotando a poesia dele. Foi a nossa homenagem a ele.

**Há uma certa energia incontida, às vezes uma certa raiva que o Zizo precisa colocar pra fora. Como o Zizo age sobre o mundo à sua volta - a cidade do Recife, seus amigos e as pessoas que o escutam declamar sua poesia?**

O Recife sempre foi meu parceiro criativo como ator. Mas, para a Febre do Rato, tive que descobrir essa Recife do Cláudio, um Recife às avessas. O poeta constrói no



seu quintal um mundo impossível, cheio de amor, igualdade, sexo, carinho. Mas quando ele sai para o Recife que está além dos seus muros, ela torna-se uma cidade opressiva, que não tem muito espaço para a poesia. Então a sua postura é de reivindicação. Ele aponta as mazelas da cidade, levanta questionamentos, indica caminhos para melhorar esse mundo opressor e cruel.

**Você leu muita poesia para viver o Zizo?  
Que poetas mais te inspiraram?**

Na preparação do filme, ganhei de um amigo seis livros de poesia, entre eles Pablo Neruda e Manuel Bandeira. Mas quando li as poesias do Hilton (Lacerda) no roteiro, senti que elas eram muito particulares, mergulhadas naquela atmosfera recifense. Meu grande desafio era então tomar aquela poesia para mim, fazer ela sair da minha boca e do meu coração. Colei então no Hilton durante os dois dias em que ele visitou o quintal do Zizo onde filmamos.





E ele me explicou tudo em detalhes: para quem foram feitas aquelas poesias, em que contexto, com que sentido. Ele foi generosíssimo nesse processo.

**Qual o lugar do poeta no mundo de hoje?  
Ainda existe espaço para a palavra como  
arma política?**

O lugar do poeta é sempre na cidade, de preferência no centro da cidade, no meio das feiras. Quando isso não é possível, ele precisa se manter nos arredores, mas sempre ligado à cidade, que é o seu verdadeiro habitat. Minha arte é muito ligada à palavra. Por isso, ainda acredito na arte que é compromissada, que tem um olhar honesto para o homem e suas causas. E o Cláudio é um diretor totalmente comprometido com esse olhar.



## O ELENCO

MATHEUS NACHTERGAELE -  
PAZINHO

Matheus Nachtergaele vive o boêmio Pazinho, melhor amigo de Zizo, que tem um casamento conturbado com a transexual Vanessa em Febre do Rato. Um dos maiores atores de sua geração, ele ganhou projeção com seu trabalho na companhia paulistana Teatro da Vertigem. No cinema, após dois papéis de destaque em filmes de Walter Salles (O Primeiro Dia e Central do Brasil), ele ganhou fama nacional com o João Grilo de O Auto da Compadecida, de Guel Arraes.

A partir de Amarelo Manga, no qual viveu o homossexual Dunga, Matheus tornou-se um dos atores preferidos de Cláudio Assis, marcando presença em todos os filmes do diretor, incluindo Baixio das Bestas (2006). Nos últimos anos, ele teve papéis de destaque em filmes como A Concepção, Árido Movie, Tapete Vermelho e O Bem Amado e estreou na direção com A Festa da Menina Morta, selecionado para o Festival de Cannes.

Seus próximos projetos como ator são Trinta, biografia do carnavalesco Joãozinho Trinta com direção de Paulo Machline, e Maldito, filme autobiográfico de Zé do Caixão.



## NANDA COSTA - ENEIDA

Nanda Costa vive Eneida, a musa do poeta Zizo, em Febre do Rato. Nascida em Parati, ela começou a carreira em 2006, na novela Cobras e Lagartos (Globo). Participou ainda das novelas Viver a Vida e Cordel Encantado e das séries Ó Paí, Ó e Clandestinos, além de viver a cantora Dolores Duran num especial de Por Toda a Minha Vida, da TV Globo.

No cinema, ela se destacou como a prostituta Jéssica no filme Sonhos Roubados, de Sandra Werneck. O papel lhe rendeu prêmios de melhor atriz nos festivais do Rio, Paris e Miami, e levou o diretor de fotografia Walter Carvalho a indicá-la para Cláudio Assis. Por Febre do Rato, Nanda venceu o prêmio de melhor atriz no Festival de Paulínia. Nos próximos meses, ela também poderá ser vista no filme Gonzagas - De Pai pra Filho, de Breno Silveira, e como protagonista da próxima novela das oito da Globo, Salve Jorge, de Glória Perez.

JULIANO CAZARRÉ - BOCA MOLE

Antes de viver o boêmio Boca Mole em Febre do Rato, seu primeiro trabalho com Cláudio Assis, Juliano Cazarré acumulou uma pequena lista de papéis marcantes. No cinema, ele começou em Brasília, pelas mãos de José Eduardo Belmonte, nos filmes A Concepção e Meu Mundo em Perigo. Depois de papéis menores em Tropa de Elite e O Magnata, ele teve a grande chance ao ser convidado por Matheus Nachtergaele para o seu primeiro longa como diretor, A Festa da Menina Morta. Seguiram-se depois participações em Vips, Bruna Surfistinha, Assalto ao Banco Central e nos inéditos 360, de Fer-

nando Meirelles, e O Lobo Atrás da Porta, de Fernando Coimbra

Sem abandonar a paixão pelos filmes de risco, ele concilia trabalhos mais populares na televisão, onde estreou na minissérie Alice, da HBO. Na Globo, esteve no seriado Força-Tarefa, na novela Insensato Coração e atualmente vive o gari Adauto na novela Avenida Brasil.

TÂNIA GRANUSSI - VANESSA

Tânia Granussi vive Vanessa, uma transexual apaixonada e ciumenta que vive brigando com seu marido, Pazzino (Matheus Nachtergaele). Formada em Artes Cênicas pela Universida-





de de Campinas (Unicamp), ela atuou no longa Fluidos, de Alexandre Carvalho, e no curta Entre Quatro Paredes, de Letícia Barata.

No teatro, ela participou de peças premiadas da cena paulistana como Deus Sabia de Tudo e Não Fez Nada, do grupo Os Fofos Encenam; Edipo Rei, com direção de Márcio Aurélio; e Hipóteses para o Amor e a Verdade, do grupo Os Satyros. Em 2006, recebeu uma indicação ao Prêmio Coca Cola de Teatro Infantil.

#### MARIA GLADYS - STELLAMARIS

Maria Gladys é Stellamaris, uma das amantes do poeta Zizo. Uma das atrizes mais prolíficas do cinema brasileiro, ela atuou em 40 filmes ao longo de 52 anos de carreira. Seu primeiro papel de destaque foi em Os Fuzis (1964), de Ruy Guerra. Gladys filmou em seguida com grandes diretores independentes dos anos 60 e 70, como Julio Bressane (O Anjo Nasceu,

Cuidado Madame, A Família do Barulho), Domingos de Oliveira (Todas as Mulheres do Mundo, Edu Coração de Ouro) e Rogério Sganzerla (Sem Essa, Aranha).

Nos últimos anos, ela participou das comédias Se Eu Fosse Você 1 e 2, de Daniel Filho, e A Casa da Mãe Joana, de Hugo Carvana. Na TV, ficou conhecida com personagens como a doméstica Lucimar da novela Vale Tudo (1988). Seu último trabalho foi como a tecelã Eveva da novela Aquele Beijo (2012).

#### ÂNGELA LEAL - DONA MARIETA

Ângela Leal vive Dona Marieta, a sábia e alegre mãe do poeta Zizo. Nascida no Rio de Janeiro e formada em direito, Ângela Leal acabou tornando-se atriz após fazer um curso com Sérgio Britto e receber um convite para trabalhar na novela Irmãos Coragem, em 1970, na Globo. Desde então, atuou em outras 32 novelas e minisséries. Mãe da atriz Leandra Leal, seu persona-

gem mais conhecido é a Maria Bruaca da novela Pantanal (1990), na Manchete. Seu trabalho mais recente é na minissérie Rei Davi, da Record.

No cinema, ela estreou em 1975 no filme O Casal, de Daniel Filho, e desde então trabalhou em poucas produções, sendo as mais recentes Zuzu Angel, de Sérgio Rezende, e Querô, de Carlos Cortez.

#### CONCEIÇÃO CAMAROTTI - ANJA

Na linha do horizonte do Recife há uma mulher

Na melhor concepção do escracho, não é uma qualquer

Da Trindade, das telas, dos palcos (...)

("Balada com Conceição Camarotti", de Moisés Neto)

Internada num colégio católico no município de Arcoverde, em Pernambuco, Con-

ceição Camarotti bebeu todos os vinhos da adega dos padres e comeu as hóstias da comunhão da missa. Passou por uma sessão de exorcismo e levou uma bela surra do pai. Deixou São José do Egito convencida de que a cidade havia se tornado pequena demais para sua cabeça.

Conheceu as Artes Cênicas através da montagem circense de Marcelino Pão e Vinho e fugiu com a trupe para Patos, na Paraíba. Afilhada do lendário cantor Lourival Batista, Conceição se encantou pelo cordel e pelo repente. Extrovertida, alegre e animada, ela é a atriz que mais trabalhou com Cláudio Assis, em todos os seus filmes desde o curta Texas Hotel. Ela atuou ainda no curta O Meio do Mundo, de Marcus Vilar. Em Febre do Rato, ela é a fogosa Anja, uma das amantes do poeta Zizo.

## A EQUIPE

### Walter Carvalho

Fotógrafo e câmera de Febre do Rato

Maior diretor de fotografia do cinema brasileiro, o paraibano Walter Carvalho iniciou a carreira nos anos 70 fazendo direção de fotografia dos filmes de seu irmão, Vladimir Carvalho. Ele trabalhou ininterruptamente mesmo durante os anos de crise do cinema brasileiro, mas a partir da retomada em 1995 firmou seu nome como parceiro fixo na fotografia de vários diretores: Walter Salles (Socorro Nobre, Terra Estrangeira, Central do Brasil, O Primeiro Dia, Abril Despedaçado), Luiz Fernando Carvalho (Lavoura Arcaica), Karim Ainouz (Madame Satã, O Céu de Suely) Julio Bressane (Filme de Amor, Cleópatra, A Erva do Rato), João Moreira Salles, Sandra Werneck, Laís Bodanzky, Beto Brant e muitos outros.

Sua parceria com Cláudio Assis começa em 1999, no curta Texas Hotel, e prossegue em todos os filmes seguintes; o média-metragem Eu Vou de Volta e os longas Amarelo Manga, Baixio das Bestas e Febre do Rato, pelo qual venceu o prêmio de melhor fotografia no Festival de Paulínia.

Como diretor, seu currículo também é extenso: codirigiu com João Jardim o documentário Janela da Alma e com Sandra Werneck Cazuza - O Tempo Não Para. Partindo para o trabalho solo na direção, realizou o documentário Moacir Arte Bruta, o longa de ficção Budapeste e acaba de lançar o documentário Raul - O Início, o Fim e o Meio, sobre Raul Seixas.

Em 2012, como em Febre do Rato, assina a fotografia em preto-e-branco do filme Heleno, de José Henrique Fonseca; prepara a produção de Um Filme de Cinema, documentário sobre a história do cinema; e assina a fotografia do próximo longa de Philippe Barcinski (Entre Vales e Montanhas).

## Roteiro - HILTON LACERDA

Nascido no Recife, Hilton Lacerda foi o responsável por boa parte dos roteiros do cinema pernambucano pós-retomada, desde Baile Perfumado (1996), de Paulo Caldas e Lírio Ferreira. Ele assinou o roteiro dos três longas-metragens de Cláudio Assis: Amarelo Manga, Baixio das Bestas e Febre do Rato. Neste último, ele é o autor de todas as poesias declamadas pelo protagonista, o poeta Zizo (Irandhir Santos).

Hilton escreveu ainda os roteiros de Árido Movie, de Lírio Ferreira; A Festa da Menina Morta, de Matheus Nachtergaele; FilmeFobia, de Kiko Goifman; Capitães da Areia, de Cecília Amado; e Estamos Juntos, de Toni Venturi. Estreou na direção de longas ao lado de Lírio Ferreira com o documentário Cartola - Música Para os Olhos (2007). Atualmente, finaliza seu primeiro longa de ficção como diretor, Tatuagem.

## Produção - JULIA MORAES

Produtora e assistente de direção, Julia Moraes tem uma intensa carreira de realizações no cinema desde que iniciou sua carreira em 1997. Foi assistente de direção em longas, curtas, comerciais, documentários e videoclipes. Como produtora, caracterizou-se por projetos que têm como perfil a reflexão sobre a realidade brasileira.

Em todos os projetos como produtora, participou de todas as fases de realização, desde o desenvolvimento até o lançamento em cinema e TV. Através da realização desses filmes, desenvolveu uma parceria com os diretores Sergio Sanz e Cláudio Assis, com quem é sócia na Associação Cultural Parabólica Brasil. Fundou a produtora Belavista Cinema em 1997.

Julia produziu os três longas de Cláudio Assis - Amarelo Manga, Baixio das Bestas e Febre do Rato -, além do mé-

dia-metragem Vou de Volta, de Assis e Camilo Cavalcanti. Produziu ainda os longas Devoção e Soldado de Deus e o média São Luís Dorme ao Som dos Tambores, todos com direção de de Sérgio Sanz. Foi diretora de produção do longa coletivo carioca Conceição - Autor Bom é Autor Morto e de Malu de Bicicleta, de Flávio R. Tambellini. E foi assistente de direção em oito longas-metragens, entre eles Amarelo Manga, Baixio das Bestas, Árido Movie e os documentários Viva São João e Paulinho da Viola - Meu Tempo E Hoje.

#### **Montagem - KAREN HARLEY**

Diretora e montadora de cinema, Karen Harley trabalhou com diretores como Cacá Diegues, Fábio Barreto, João Jardim, Walter Carvalho, Mika Kaurismaki, Matheus Nachtergaele, Karim Ainouz e Marcelo Gomes. Dirigiu o curta Com o oceano inteiro para nadar, sobre o artista plástico Leonilson, que ganhou prêmios no Brasil e no exterior. Dirigiu com João Jardim e Lucy Walker o documen-

tário Lixo Extraordinário, premiado nos festivais de Sundance e Berlim e indicado ao Oscar de Melhor Documentário.

Com Cláudio Assis, ela montou os filmes Baixio das Bestas e Febre do Rato. Por Febre, ganhou o prêmio de melhor montagem no Festival de Paulínia.

#### **Direção de arte - RENATA PINHEIRO**

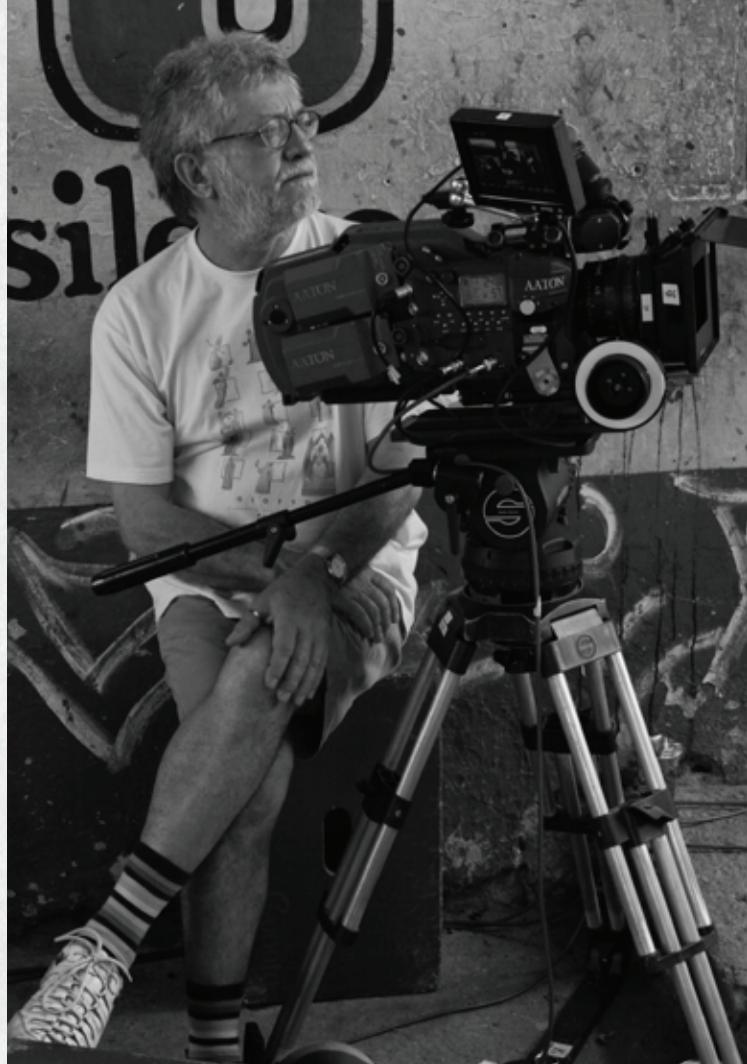
Renata Pinheiro vive e trabalha no Recife. Iniciou sua carreira como artista plástica. Renata foi parceira de Cláudio Assis na arte de seus três longas: Amarelo Manga, Baixio das Bestas e Febre do Rato. Ela foi diretora de arte de inúmeros longas-metragens brasileiros, como Árido Movie, A Festa da Menina Morta, Feliz Natal, Hotel Atlântico, Estamos Juntos e De Pernas pro Ar.

SuperBarroco, seu primeiro curta-metragem como diretora, foi premiado em festivais como Brasília e Recife e foi exibido na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes. Ela dirigiu ainda

o curta Praça Walt Disney e o documentário longa-metragem Estradeiros. Em 2012, assina a direção de arte do longa Tatuagem, de Hilton Lacerda, e prepara Brega Naite, seu primeiro longa de ficção como diretora.

#### **Trilha sonora – JORGE DU PEIXE**

Um dos idealizadores do Nação Zumbi, herdeiro do mangue beat e mais importante grupo da cena musical contemporânea de Pernambuco, Jorge José de Lira ou Jorge du Peixe tornou-se o nome por trás das trilhas sonoras dos filmes pernambucanos desde Baile Perfumado (1997), no qual Cláudio Assis era diretor de produção. Sua parceria com Claudão começou em 1999, no curta Texas Hotel, e prosseguiu em seu primeiro longa, Amarelo Manga, cuja trilha foi assinada em parceria com Lúcio Maia, também do Nação Zumbi. Febre do Rato é a terceira trilha sonora de Jorge para Cláudio Assis.



## PRODUTORAS

### BELAVISTA CINEMA

A BelaVista Cinema foi fundada no Rio de Janeiro em 2007 pela produtora Julia Moraes, com o objetivo de concretizar ideias e realizar projetos audiovisuais independentes e que priorizem a qualidade artística e técnica.

A partir da associação com projetos dos cineastas Cláudio Assis e Sergio Sanz, a BelaVista foi responsável pela produção associada dos longas-metragens Baixo das Bestas, de Cláudio Assis, e Devoção, de Sergio Sanz. A experiência na elaboração, produção, finalização e distribuição desses projetos possibilitou que a empresa assumisse a produção do longa-metragem Febre do Rato. Em dois anos de existência foram realizados, em regime de produção associada, documentários e programas para a televisão.

### REPÚBLICA PUREZA

Produtora carioca com 17 anos de trajetória, dirigida desde o início por Marcello Ludwig Maia, a República Pureza tem entre seus filmes e documentários como produtora, coprodutora ou produtora associada: Diário de uma Crise e Um Passaporte Húngaro, de Sandra Kogut; Amarelo Manga, de Claudio Assis, premiado nos festivais de Brasília, Berlim e Toulouse; três projetos dirigidos por Walter Carvalho: Moacir Arte Bruta, Lunário Perpétuo e Um Filme de Cinema (em finalização); A Erva do Rato, de Julio Bressane, selecionado para o Festival de Veneza; e Febre do Rato, de Cláudio Assis, vencedor de oito prêmios no Festival de Paulínia.

Para a TV, a República Pureza produziu as séries Campeões de Audiência, de Michel Melamed, em parceria com a Gávea Filmes; e Fora de Controle, de Daniel Rezende e Johnny Araújo, em parceria com a Gullane Entretenimento, para a Record (em finalização).

Entre os projetos em andamento, estão *Faroeste Caboclo*, de René Sampaio (em finalização); *Galáxias*, de Fabiano Maciel; *A História da Eternidade*, de Camilo Cavalcante; *A Frente Fria que a Chuva Traz*, de Neville D'Almeida; *Órfãos do Eldorado*, de Guilherme Coelho, a partir da obra de Milton Hatoum; *Big Jato*, de Claudio Assis e Xico Sá; *A Paixão Segundo GH*, de Luiz Fernando Carvalho; e *Educação Sentimental*, de Julio Bressane, entre outros.







/febredoratoilme

GRANDE VENCEDOR DO FESTIVAL DE PAULÍNIA  
Melhor Ator – Melhor Atriz – Melhor Fotografia – Melhor Montagem  
Melhor Direção de Arte – Melhor Trilha Sonora  
Prêmios da Crítica – Melhor Filme

THE 41ST INTERNATIONAL  
FILM FESTIVAL ROTTERDAM (IFFR) 2012  
Mostra Spectrum



Iranthir  
Santos

Nanda  
Costa

Matheus  
Nachtergaele

Conceição Camarotti Juliano Cazarré Tânia Granussi Mariana Nunes  
Victor Araújo Ângela Leal Maria Gladys Hugo Gila

Direção: CLÁUDIO ASSIS Produção: JULIA MORAES e CLÁUDIO ASSIS Roteiro: HILTON LACERDA  
Produção Executiva: MARCELLO LUDWIG MAIA Direção de Fotografia: WALTER CARVALHO Direção de Arte: RENATA PINHEIRO  
Montagem: KAREN HARLEY Direção de Produção: JOANA ARAÚJO Figurino: JOANA GATIS Maquiagem: MARCOS FREIRE  
Trilha Sonora: JORGE DU PEIXE Produtor associado: MALU VIANA Distribuidor: IMOVISION

